

CELESTIN FREINET: UMA PEDAGOGIA POPULAR ?

Djanira Brasilino de Souza *

O nosso objetivo não é efetuar uma descrição minuciosa dos princípios norteadores da Pedagogia Freinet; mas discorrer sobre pontos considerados essenciais na sua pedagogia, pontos estes, que propiciam uma reflexão sobre o nosso trabalho de educador.

A Pedagogia Freinet não é desconhecida para alguns educadores, uma vez que circula em nosso meio educacional algumas obras traduzidas do autor. Entretanto, achamos que o conhecimento acerca de sua origem e particularmente de sua vida, nos ajudará a compreendê-lo melhor, ou seja, o autor e sua obra.

1. Quem é Freinet?

Celestin Freinet, professor da escola primária, nasceu em 1896. Viveu em Grasse, aldeia nos Alpes Marítimos ao sudeste da França, localidade onde concluiu o seu Curso Complementar. Foi aluno da Escola Normal de Nice, também localizada nos Alpes Marítimos a 933 Km ao sudeste da capital da França.

Cursava o 2º. ano normal, quando foi obrigado a interrompê-lo a fim de atender ao apelo desumano da 1ª. Guerra Mundial (1914-1918), trocando, embora temporariamente, os bancos da escola pelo campo de trabalho, os livros pelas armas, o lar pelas trincheiras e a liberdade pela prisão.

A sua primeira sala de aula é o campo de batalha em Verdum (local onde se deram as mais violentas ofensivas alemãs da 1ª. Guerra Mundial) onde o jovem oficial é gravemente ferido no pulmão.

2. Como inicia Freinet a sua missão de professor?

Terminada a guerra, Freinet retorna à sua aldeia natal. Todavia, por motivos citados anteriormente, não teve oportunidade de realizar a prática

* Profª. do Departamento de Educação – UFRN

pedagógica obrigatória no 3º. ano da Escola Normal, para a conclusão do seu curso. Mas a necessidade do momento exige o seu sacrifício. Fiel ao seu compromisso de educador e movido pela crença de uma prática pedagógica maior — o compromisso aliado ao amor à criança — mesmo contra a opinião dos médicos, Freinet aceita a sua nomeação de professor para uma escola primária destinada a meninos, em Bar-sur-Loup (Alpes Marítimos), no ano de 1920.

A sala de aula que Freinet assume é uma sala tradicional, do ensino oficial, com carteiras obrigatoriamente dispostas em filas, quadro negro, estrado para o professor, alguns mapas pendurados na parede e um ábaco. Todo o material é rústico e deteriorado pelo tempo e desuso.

A clientela compõe-se de 35 alunos, em idade que varia entre cinco e oito anos, bem como de diversos níveis heterogêneos de aprendizagem e atingidos não só pela pobreza mas, ainda, por outros males advindos e/ou originados da guerra, sobretudo o desajuste e a inquietação.

Mesmo ante situação tão adversa Freinet não vacila. Inicia as atividades escolares dentro de toda a rigidez exigida pela escola tradicional da época — professor transmissor do conhecimento, dono absoluto do saber.

Mas, logo Freinet toma consciência de suas limitações física e profissional, para, de certa forma, desenvolver uma ação pedagógica eficaz junto àquelas crianças atingidas pelas consequências danosas da guerra: fome, doenças, desajustes e outros males que as tornam turbulentas, discordantes, desinteressadas por tudo o que diz respeito à escola e à aprendizagem. Freinet apercebe-se que as aulas tradicionais fatigam tanto as crianças, que se negam a ler, a repetir as sílabas e os números, quanto a ele próprio, cujas condições respiratórias o impedem de falar durante dois turnos consecutivos de aula.

A esse respeito observa Elise Freinet: "Cada dia a experiência conduzia Freinet à mesma conclusão: o ensino ministrado sob a forma tradicional que exige da criança uma atitude passiva e amorfa é um fracasso". (3:17)

Diante dessa realidade, Freinet não desanima. O compromisso o leva avante. A paixão pela educação aliada à sua coragem o leva a instaurar uma pedagogia coletiva e militante. É partindo do ponto zero que Freinet começa o seu grande aprendizado na sala de aula.

3. Que caminhos percorre Freinet para instaurar a sua pedagogia?

Freinet procura nas idéias pedagógicas da época aquelas que poderiam se integrar à sua "miserável" escola. Neste sentido aprofunda seus conhecimentos sobre autores como Montaigne, Montessori, Decroly, Cousinet, Claparède, Bovet, Ferrière e a escola de Gênova.

Mesmo considerando-se simples professor primário, Freinet questiona o saber da época e critica os métodos da escola primária francesa que, segundo ele, ignora deliberadamente a ciência psicológica e pretenciosamente acha-se soberana para medir a alma da criança.

Assim sendo, observa-se que o referido educador elabora sua própria filosofia, isto é, proclama uma filosofia pessoal, cujo teor baseia-se na confiança na natureza e na vida — que toma às vezes uma forma entusiástica e conduz Freinet a condenar globalmente a vida urbana e incluir na sua pedagogia opções naturalistas e a chamar “naturais” situações na qual o observador vê a realidade social, histórica e geográfica.

Para ele é necessário conceber e realizar uma pedagogia que seja verdadeiramente a ciência da formação do ser humano na sua função de trabalhador e de homem. E diz ser à partir das contingências da vida e do trabalho dos pais e da organização social que é preciso construir, tendo em vista que as riquezas saem da integração dos nossos atos na harmonia natural, da confiança na vida e da paciência no processo de desenvolvimento.

Portanto deve-se considerar no ato educacional as realidades complexas da humanidade, sendo para isso necessário trabalhar inteligentemente e com o máximo de eficiência, não deixando de lado as diversas tarefas sociais, e sentir-se como um mecanismo normal da comunidade.

Querer conhecer a natureza humana, como o faz a nossa escola, pela imposição dos conteúdos e tarefas escolares, é impossível. Por isso Freinet aconselha tomar a criança como ela é, com as suas reações naturais e suas virtualidades e assim fundamentar o nosso processo educativo. E enfatiza: “a vida é o que é; nós devemos construir com ela e por ela.” (1:152).

Como vimos a sua maior colaboradora é, sem dúvida a natureza, que o ajuda a trocar o clima difícil da sala de aula, poluída pelas exigências de uma pedagogia autoritária, abstrata e modeladora por:

- a) uma pedagogia que dá curso à descoberta, à espontaneidade e à criatividade da criança sem no entanto fugir do aprendizado do ler e escrever, do conhecimento dos números, da geografia, da história e das ciências;
- b) uma ação educativa alicerçada nas linhas de uma pedagogia popular fundada no respeito à criança, à expressão livre, à motivação do esforço, tendo como motor o trabalho produtivo da criança, ponto de partida para uma cultura autêntica, iniciada pela ocupação material, elevando-se, gradativamente, ao pensamento inteligente e lógico, tornando-se a criança, pela liberdade de ação que lhe é dada, a artesã de sua própria formação.

Para atender, de um lado, aos imperativos de um ensino voltado para os interesses das crianças, tirando-as da letargia em que estavam submersas e, de outro, às necessidades de um professor cujas condições respiratórias o impedem de falar, Freinet passa a observar os seus alunos nos mínimos detalhes: os gestos expressivos, os atos espontâneos, as brincadeiras a fim de melhor compreendê-los e poder conduzi-los à aprendizagem de maneira mais eficaz e eficiente.

Assim procedendo Freinet põe em relevo meios que revolucionam a educação e a vida escolar; estabelece uma verdadeira relação professor-aluno, quebrando, desta forma, o autoritarismo da escola tradicional. Professor e alunos passam a trabalhar juntos, num mesmo nível de discussão do conhecimento e dos problemas que advêm da jornada escolar.

Para Freinet, o essencial da educação não é o conteúdo de ensino como o impõe a escola, gerador de aversão à aprendizagem e, sim, fazer com que a criança sinta sede do saber. Só então ela passará a exigir e a construir conscientemente a sua própria aprendizagem. E enfatiza: “se o aluno não tem sede de conhecimento, nem qualquer apetite para o trabalho que você lhe apresenta, também será trabalho perdido ‘enfiar-lhe’ nos ouvidos as demonstrações mais eloqüentes. Seria como falar com um surdo”. (2:16).

Atentemos para o que diz Freinet: “Não preparamos homens que aceitarão passivamente um conteúdo — ortodoxo ou não — mas cidadãos que amanhã saberão enfrentar a vida com eficiência e heróismo e poderão exigir que corra para dentro do tanque a água clara e pura da verdade”. (2:15).

Freinet se opõe a toda doutrinação do sistema de ensino tradicional dogmático onde a expressão livre é bloqueada, a comunicação proibida para evitar todo tipo de contestação; opõe-se também a um ensino que valoriza a aprendizagem mecânica onde estão presentes a memorização e a repetição de tudo que é ensinado pelo professor; posiciona-se contra o ensino que favorece o individualismo e a competição, marcado pelo sistema de notas e classificações, impedindo portanto, a igualdade de oportunidades.

Vale ressaltar algumas considerações efetuadas pelo Instituto Cooperativo de Escola Moderna (ICEM), em adesão à Pedagogia Freinet “ Nós nos opomos quotidianamente a essa empresa de normatização das crianças e dos jovens, que conduz necessariamente ao fracasso maciço de grande número destes e, particularmente desses que pertencem às classes populares. Não há uma criança tipo, uma criança modelo inventada pelos psicólogos e pedagogos, mas crianças tanto da classe burguesa, quanto da classe operária com as alegrias e os dramas comuns a todas as crianças, com as injustiças ou

os privilégios que são próprios do seu meio social de origem, crianças que são ao mesmo tempo semelhantes e diferentes. Semelhantes pelas suas potencialidades — o desejo de viver, de brincar, de criar, de amar e de ser amada. Diferentes pela afeição recebida, o ambiente e o conforto do lar, a situação entre irmãos e irmãs, a disponibilidade dos pais, a alimentação e a cultura dada pelo seu meio, pela classe à qual pertence"... (4:42-3)

Freinet luta por uma educação que se insere numa perspectiva política e social. Procura construir uma pedagogia ativa, capaz de conciliar as exigências da escola moderna às da criança, objetivando proporcionar-lhe oportunidade de crescimento, onde os valores pessoais possam desenvolver o espírito crítico, a iniciativa e a ajuda mútua.

Freinet não propõe um modelo educativo. Sua pedagogia é uma tentativa de educação realista e objetiva face às necessidades das crianças, dos adolescentes, dos adultos e que não pretende modificar os comportamentos por palavras e sim, através das práticas do dia a dia.

É no próprio indivíduo que a Pedagogia Freinet busca os fundamentos e as linhas de sua ação para elevar o homem à dignidade do seu ser e à plena realização da sua personalidade.

O centro de suas preocupações é o homem, sobretudo o homem do campo que, como os demais seres humanos, tem direito à realização plena.

Alicerça o seu trabalho na fundamentação e análise do real, utiliza-se de meios que proporcionam o engajamento do homem à vida presente a fim de que este não seja dominado e explorado. Para tanto dá ênfase à expressão livre, que possibilita ao homem íntima comunicação com os outros homens e com a sociedade da qual ele faz parte.

4. Princípio norteador da Pedagogia Freinet.

Como vimos, Freinet tem o centro de suas preocupações no homem e acredita que o que dá ciência e consciência para a sua atuação no meio onde ele vive é o trabalho. "O que suscita e orienta o pensamento dos homens é o trabalho em tudo que ele tem hoje de complexo e de socialmente organizado, o trabalho motor essencial, elemento de progresso e de dignidade, símbolo de paz e fraternidade". (1:112).

Para ele o trabalho é o único meio de expressão e de exaltação da necessidade de ser do homem e é o único elo comum entre os membros da sociedade e é pelo trabalho que o homem se exprime e se realiza. Considera o trabalho uma virtude, por meio da qual o homem ascende, torna-se mais livre e independente.

Para Freinet, a educação é o ponto de partida de uma cultura cujo centro é o trabalho, trabalho este considerado indissociável da vida do homem na sociedade. Visto por este prisma, pode haver inteligência, bom senso, reflexão crítica, tanto no trabalho do homem mais rude, na usina, na fábrica, como no cientista no seu laboratório.

Com essa visão de trabalho Freinet tenta eliminar o fosso existente entre trabalho intelectual e atividades físicas.

Na sua concepção, só há trabalho quando tanto a atividade física quanto a atividade intelectual respondem a uma necessidade do indivíduo e proporcionam, por esse fato, uma satisfação. Caso contrário não há trabalho e sim uma tarefa que se faz apenas por obrigação e, conseqüentemente não se insere na vida do homem, prejudicando assim a sua ascensão.

É partindo dessa visão de trabalho que Freinet defende uma escola pelo trabalho e tenta definir a forma e a natureza do trabalho nas escolas que atendem às crianças nas diversas faixas etárias. Isto é, que o trabalho seja adaptado à criança pelo que ele exige de esforço e de fadiga e ela o execute de acordo com o seu ritmo e ele esteja integrado aos seus interesses.

Portanto o trabalho organizado na escola deve ser visto como elemento da própria atividade educativa e integrado a essa atividade e jamais como um simples meio da formação intelectual e cultural.

Como vimos, o trabalho é o grande princípio, o motor e a filosofia da Pedagogia Freinet. É esta filosofia que falta ao professor na sua prática quotidiana. Se ele a considerasse não necessitaria de propor lições, impor deveres, criando nas crianças a aversão pela escola e pela aprendizagem.

Assim torna-se imperioso desenvolver nas crianças o gosto pelo trabalho, pois é do trabalho que decorrem todas as aquisições e se afirmam todas as potencialidades da criança.

É através do trabalho responsável, isto é, assumido pela criança e pelo grupo, que a Pedagogia Freinet procura integrar a escola ao meio social e cultural.

Não é sem motivo que Freinet coloca o trabalho como o ponto culminante da sua Pedagogia. Ele compreende que é na vida que se deve buscar a razão de ser do homem; é por isso que deve haver uma integração de sua ação na harmonia natural. A criança desde a sua mais tenra idade tem necessidade dessa integração. É no trabalho que ela busca a liberação de suas energias. "Ela tem necessidade orgânica de usar o potencial de vida numa atividade tanto individual como social. O trabalho é necessário para salvaguardar o sentimento de poder, o desejo permanente de ultrapassar os

outros, de ter grandes ou pequenas vitórias, de dominar alguém ou alguma coisa" (1:126).

Que trabalho é esse tão enfatizado por Freinet? Às vezes há quem nos interogue: Freinet prega uma escola de preparação ou iniciação para o trabalho, desde a mais tenra idade?

Não se trata de dar à criança uma preparação ou iniciação para o trabalho no sentido de preparar mão de obra. Trata-se, porém, de levar a criança a adquirir consciência e responsabilidade no que concerne às suas tarefas escolares. Tarefas essas não impostas e não alheias à sua vida, mas escolhidas e ordenadas pela própria criança no seu plano de estudo e que se alicerçam na sua realidade, nas suas experiências, nos seus interesses e assumidas como um trabalho criador de riquezas, de equilíbrio individual e social e de poder material, para que assim a criança possa conquistar o seu espaço na sociedade como membro integrante e ativo.

Neste sentido Freinet parte da concepção de que o trabalho, os afazeres do dia a dia, quer queiramos ou não, são o centro da vida das crianças.

Constata-se, dia após dia, que a criança aproveita todas as ocasiões para utilizar sua energia. Uma vez que ela encontra-se sempre alerta, ou seja, tenta explorar tudo que está ao seu redor e assim vai crescendo progressivamente, de acordo com a sua idade. Acrescenta Freinet: "a criança tem necessidade de saber, ela questiona sem cessar sobre a organização e os mistérios da natureza e também sobre as maravilhas surpreendentes da máquina e da ciência. Esse desejo faz parte de sua permanente sede de poder e de conquista" (1:191).

Portanto, o trabalho colocado como centro de toda a educação vai oportunizar à criança melhores condições às suas conquistas. Trabalho este escolhido e assumido pela mesma e não tarefas insuportáveis, fora de sua realidade e de seus interesses, isto é, impostas pelo professor.

O que acontece na educação é que a escola está sempre preocupada e apressada para cumprir o calendário do ano letivo; os professores, ciosos do cumprimento dos programas, esquecem-se que o centro e a razão de ser da escola é a criança, essa criança que precisa trabalhar e sentir que o seu trabalho a impulsiona para o crescimento intelectual, social e cultural e não para a mera aferição de notas e, conseqüente passagem de uma série à outra.

É por essa razão que na Pedagogia Freinet o trabalho é a base, o fundamento sobre o qual são construídas as atividades, das mais simples

às mais complexas da criança, para melhor permitir a sua integração no processo normal da vida.

Pelo trabalho, a criança aprende a enfrentar os problemas inerentes à cada atividade, tem oportunidade de se desenvolver e pouco a pouco caminha em busca de sua autonomia pessoal e, conseqüentemente, prepara-se para participar das decisões do meio onde está inserida.

Cabe ao professor proporcionar motivações profundas, propor perspectivas, suscitar a iniciativa ao aluno e se conscientizar da responsabilidade que assume na educação daqueles que lhe são confiados.

É através do conhecimento da criança que a educação, segundo Freinet, deve procurar suas técnicas de ensino. O professor deve procurar conhecer a criança através de suas produções espontâneas. Daí a razão de ser o trabalho, por excelência, o motor da Pedagogia Freinet.

Freinet dá curso ao desenvolvimento e aplicação de técnicas de trabalho como base de mudança na educação.

Torna-se oportuno evidenciar que a origem e os princípios da Pedagogia Freinet não derivam, no essencial, de uma teoria da educação. Também, não se trata de um método determinado por regras e prescrições. Trata-se de uma tentativa de conduzir de maneira diferente o trabalho escolar que, partindo de uma modesta escola de aldeia, colocou em evidência utensílios e técnicas novas a fim de melhorar o trabalho em sala de aula, objetivando assegurar o seu êxito.

Embora Freinet tenha elaborado técnicas de trabalho educativo ainda nos primórdios de sua vida profissional, vale ressaltar que tais técnicas continuam atualizadas e dinâmicas mesmo nos dias atuais. Ademais as técnicas de trabalho criadas por Freinet servem de base e/ou ponto de partida para a inserção de novos instrumentos e novas técnicas de ensino. Para propiciar a multiplicação desses instrumentos e dessas técnicas de trabalho constata-se que não é sem razão que Freinet denomina a sua Pedagogia de "Técnicas Freinet" e não, de método Freinet.

5. Contribuição de Freinet à educação.

É inegável a contribuição de Freinet à educação. Uma vez ser o mesmo um dos pioneiros e raros educadores que põe em causa a infra-estrutura do sistema educativo, suas reflexões se concentram, de modo especial, no âmbito da ação docente.

Desde o início de sua atuação como professor, Freinet declara guerra ao dogmatismo e ao autoritarismo da escola tradicional. Desta forma, decide

instalar-se entre os alunos abolindo, assim, a cátedra representada materialmente pelo estrado, que pela sua elevação acima dos alunos, simboliza a autoridade do professor. Condena o manual escolar como roteiro único para a aprendizagem da leitura e da escrita, colocando-o no rol dos demais livros da biblioteca.

Pouco a pouco Freinet examina e questiona todo o material didático da escola e procura dar uma orientação adequada à sua atualização, de modo que esse procedimento contribuisse para transformar a relação professor-aluno, impregnada pelo autoritarismo da escola tradicional.

A introdução de novos utensílios, de novas técnicas de trabalho e de novas atitudes, tem como principal objetivo imprimir nos alunos a autonomia, libertando-os da tutela do professor monopolizador das atividades escolares.

Por razões de saúde, Freinet cedo se afasta da sala de aula. Nessa ocasião ele intensifica o movimento em prol da melhoria do ensino, que começa a se desenvolver em torno de temas agudos e penetrantes: "abaixo os manuais"; lança a palavra de ordem — "menos de 25 alunos em sala de aula"; luta por condições de trabalho aceitáveis, luta esta que refletiu positivamente no sistema educacional francês.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FREINET, Celestin. **L'éducation du travail**. Paris, Delachaux et Niestlé, 1978.
2. ————. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1985.
3. FREINET, Elise. **Naissance d'une pédagogie populaire**. Paris, P.C.M., 1981.
4. I.C.E.M. **Perspective d'éducation populaire**. Paris, P.C.M., 1979.